

Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

RAÍZES E LUTAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOAQUIM



BOLETIM
INFORMATIVO

8

Boletim Informativo

Edição Janeiro 2020

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA-PNCSA

COORDENAÇÃO GERAL

Patrícia Maria Portela Nunes (PPGCSPA/UEMA)

Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)

Emmanuel de Almeida Farias Júnior (PPGCSPA/UEMA)

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)

Agencia Financiadora: Climate and Land Use Alliance – CLUA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA DESTE BOLETIM:

Paulo Rogerio Gonçalves (APA-TO)

EQUIPE DE PESQUISA:

Paulo Rogerio Gonçalves (APA-TO)

Maria Aparecida Ribeiro de Souza (COEQTO)

Alcindo Alves Patrício Castro (APA-TO)

Domingos Barbosa da Silva (COEQTO)

Jakson Cursino Magalhães (COEQTO)

EDIÇÃO:

Paulo Rogerio Gonçalves (APA-TO)

Domingos Barbosa da Silva (COEQTO)

TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO:

Luana Alves Patrício (APA-TO)

CARTOGRAFIA E MAPAS:

Alcindo Alves Patrício Castro (APA-TO)

FOTOS:

Paulo Rogerio Gonçalves (APA-TO)

CAPA/PROJETO GRÁFICO: Murana Arenillas

Apoio logístico: Eriki Aleixo

Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

MEMBROS DA COMUNIDADE QUE PARTICIPARAM DA ELABORAÇÃO DO BOLETIM:

Aldemar Barbosa Furtado

Almir Marques da Silva

Andreia Santos Cardoso

Candido Bispo de Souza

Cristyanne Rodrigues da Silva

Domingos Barbosa da Silva

Elcidinha Rodrigues da Silva

Eliene Barbosa Furtado

Eva Barbosa Furtado

Geiza Ribeiro de Souza

Guilherme Ribeiro de Souza

Janaina Barbosa Ferreira da Silva

Joana Ribeiro de Deus

Joaquim Santana

José Barbosa Furtado

Jussimar Bispo Furtado Soares

Liolino Barbosa Ferreira

Luíza Bispo Soares

Marciano Gonçalves Bispo

Maria Bispo Furtado

Pedro Luís Batista

Renilton Barbosa Furtado

Sônia de Oliveira Marques

Umbelina Bispo de Souza

Vicente Bispo Soares

Leomir de Souza – Vila Gleba Jacaré

Lourdes Carvalho

PNCSA

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

COORDENAÇÃO GERAL:

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)

Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)

Rosa Acevedo Marin (UFPA/NAEA/PNCSA)

FICHA CATALOGRÁFICA

B688 Boletim Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdade: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado / Raízes e lutas da Comunidade Quilombola São Joaquim. – N. 8 (janeiro. 2020). – São Luís: UEMA Edições/PPGCSPA/PNCSA, 2020.

Irregular

Coordenação Geral da Pesquisa: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia de Carvalho Martins, Emmanuel de Almeida Farias Júnior e Alfredo Wagner Berno de Almeida.

Coordenação da Pesquisa deste boletim: Paulo Rogério Gonçalves e Domingos Barbosa da Silva

ISSN: 2675-2263

1. Quilombolas. 2. Conflitos. 3. Amazônia. I. Título.

RAÍZES E LUTAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOAQUIM

A Comunidade Quilombola São Joaquim fica localizada no município de Porto Alegre do Tocantins na região sudeste do Estado do Tocantins. Na região existiu uma intensa atividade mineradora entre 1700 e 1800, o que acarretou um grande deslocamento de Africanos escravizados para trabalharem nas minas da região. Esses Africanos se libertaram e criaram um grande número de quilombos.

A Comunidade Quilombola São Joaquim consolidou seu território utilizando práticas produtivas baseadas nas roças tradicionais, no extrativismo de produtos do Cerrado, no gado criado solto e vivendo a partir do seu conjunto próprio de práticas religiosas e de atividades culturais.

A mineração ainda existe na região tanto de forma regular, quanto de forma clandestina e impacta de diversas formas o cotidiano da vida comunitária. Os projetos agroindustriais, a grilagem, o desmatamento e os agrotóxicos causam sérios problemas à organização social da comunidade. Os membros da comunidade resistem, entretanto, empenhados na defesa do seu território.

Entre os anos de 2018 e 2019 foram realizadas oficinas de mapas e reuniões mobilizando representantes das famílias que vivem na comunidade, o que acarretou a produção deste fascículo.



Oficina de elaboração de mapa do território

A VIDA NO TERRITÓRIO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOAQUIM



Umbelina Bispo de Sousa

“ Minha vó morava bem aqui pertinho de onde eu moro, aí meu pai casou com uma filha dela, e foi morar berano o rio, do lado de cá. Ele tem uma tapera lá, e aí ele morou aí, pegou os filhos que foi nós, teve 7 filhos, tem três vivos, é eu e dois irmão: Libero e Cândido. Lá do outro lado do rio, eu sei de tapera do pai dele, aonde ele criou eles.

E é isso, sempre ele trabalhava, trabalhou de roça mesmo. Moro na mesma terra, nasci aí, e moro só, nasci lá mesmo onde meu irmão Cândido mora, só mudei mais pra cá. Meu pai era Alexandre Carvalho de Sousa. Primo primeiro de Camila. É filho de Arcanjo, elas devem ter falado de isto com vocês lá. É, tudo parente. ”

(Umbelina Bispo de Sousa, apelidada por **Bela**)

“ Uai moço, começou assim, que eu pelo menos fui criada sem pai e sem mãe, mas fui criada aqui no Brejo Grande, na mesma área sabe, aí meus criador me criou aí eu tomei conta de minha pessoa. Foi o véi Tomas, o senhor de Tomas e a véia Jacinta, que era minha tia, e aí que me criou e criou trabalhando de roça, e lá se vai, aí tomei conta da pessoa e aí fica rodando por aqui mesmo.

Nunca saí fora pra morar, assim em outro ponto sabe, é por aqui mesmo, e antes andava feito maribonde, mora um ano, quatro ano num lugar, até que chegou a oportunidade de vim pra aqui, e tô morando aqui nesse ponto. Sempre aqui, nesse meio da comunidade, e tô até hoje, pra aqui mesmo eu mudei em 66. Eu sou de 43, do mês de abril.

Eu nasci em Almas, aí minha mãe faleceu, aí essa tia minha me criou aqui no Brejo Grande. E aí vem vindo aqui, criei meus filho tudo aqui, uns mora aqui outros moram nesse mundão de meus Deus, São Paulo, tudo eu tenho filho e é assim. ”



Maria Pereira da Costa

(**Maria Pereira da Costa**)

“ Eu nasci e criei aqui, meu pai também foi nascido e criado aqui, a um quilometro daqui, e nós resistiu aqui, minha mãe não, foi de outro município, mas veio porque casou com ele, continua morando, nunca saiu. O primeiro que surgiu foi a minha biza, tia Dora, que era a mãe da minha vó, essa foi a primeira, pelo que meu pai me falava.

Aí, daí, foi tendo geração, aí minha vó teve parece sete filhos, aí eles foi espalhando, mas continua aqui, continua quatro aqui na comunidade morando aí. Tudo morreu aqui. O tio Salú foi o primeiro que morreu, teve o tio Inácio, a tia Izabé, a tia Omira, aí vem por segundo meu pai, então foi cinco que continua morando e morreu aqui. Meu pai já era de 25, é como é que diz, já era neto da minha biza né, sei que ele nasceu na era de 25, então nem calculo mais ou menos que tempo foi que eles vieram pra cá. ”

(**Vicente Bispo Soares**)

“Meu pai era caladão, assim, ele não tinha conversa, depois deu grande, eu perguntava, pai qual o nome do meu avô, que eu nunca ouvi o senhor falando, aí ele falou, meu pai era Zé Gameleira, mas ele não tinha conversa, morria aí. ”

(Vicente Bispo Soares)

“Uai o que eu sei é o seguinte, que eu sou de cinquenta e oito e já meus pais e minha mãe morava aqui, moramos aqui do outro lado do corgo, que é o riacho D’ouro, até meu avô morava no Brejo Grande. ”

(Pedro Luiz Batista)

“Minha mãe que morava, porque o pai dela é daqui, nós morava junto com meu avô. O nome do pai dela é Zé Bispo Furtado e minha mãe é Ana Bispo Furtado. Aí ela tem um marido que é Tomás. Não nasci aqui, só que eu fui criada aqui, lá na Bela vista. Fica lá mais na frente, depois do corgo do riacho D’oro, e a dela é aqui na beira do rio. Quando nos vínhamos eu tava com doze anos e hoje eu estou com sessenta e um. Ela mora comigo por que ela num enxerga né, tudo dela e eu que tenho que resolver. ”

(Maria Bispo Furtado)

“Olha eu sei, que eu vejo minha mãe falar, que parte desse pessoal de São Joaquim veio de lá, atravessou do Lajeado aqui pro São Joaquim. Parece que era um Luiz Bispo, que mudou de lá pra cá, foi mudando os filhos e aumentando a população, que essa comunidade aqui é bem ligada a comunidade do Lajeado. Tudo parente.

Quando os primeiros que veio, por parte do Luiz Bispo, minha mãe ainda nem existia. Ela ainda não tinha nascido, depois quando ela tomou bom entendimento, até as filhas dele já moravam aqui. Minha mãe nasceu em 1934. ”

(Joana Ribeiro de Deus)

“Eu conversei com mãe, Otaviana Barbosa Ferreira da Silva, e ela disse que quando Luís Bispo chegou na comunidade São Joaquim já existia a família Barbosa, que é da família do meu avô Firmino, que é irmão da minha avó, Adelina Barbosa. Quando o Luís Bispo chegou, ele já estava lá e ele havia comprado a terra, só que o Luís Bispo comprou a mesma terra, eles pagavam talão, só que um não sabia do outro, e acabaram comprando a mesma terra.

Tanto o Luís Bispo, como os Barbosas compraram a terra de um senhor chamado Tibúrcio, que morava numa fazenda chamada Água Doce, hoje no município de Almas, que antes pertencia ao município de Natividade.

Depois que souberam desse mal entendido, eles resolveram dividir essa terra em léguas. Eles dividiram a cavalo, e decidiram que do riacho D’ouro, brejo da Extrema, até um pé de Pequi no meio da área, seguindo reto ao brejo da Clara, até o porto do Lajeado para baixo, essa terra seria da família Barbosa, do pai do velho Firmino. Para cima seria do pessoal dos Bispos, subindo o rio até a Pedra Preta, que da Pedra Preta para cima seria da família Nevisan, do Peron, que adquiriu através de um título paroquial. Isso foi antes de 1934, porque o vovô nasceu em 1928 e já foi nessa comunidade. ”

(Domingos Barbosa da Silva)

A VIDA NO TERRITÓRIO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOAQUIM

“Sou Vicente Bispo Soares, sou quilombola, eu hoje tenho uma dificuldade sobre renda, eu já tive várias experiências sobre garimpo, a renda melhor que eu tenho aqui é garimpo. Muitos anos que eu trabalho no garimpo, de garimpo eu sei fazer tudo. A experiência que eu tenho sobre veneno, vários venenos que tem de mexer com garimpo. Lá onde eu trabalho tem um tal de pó de pedra, que o povo tem muito medo, o pó é pouco, tem muita água para trabalhar. Fiquei doente pensei que era pó de pedra, fiz vários exames, mas graças a Deus não deu, recuperei e não era pó de pedra.



Vicente Bispo Soares

O garimpo só atrapalha se a pessoa, não se organizar para trabalhar, mas se se organizar não atrapalha.

Tem que ter a segurança do rejeito, tem uma barragem para segurar o rejeito, outra para segurar a água, para não deixar escorrer. Isso é uma coisa que a gente faz, tem três barragens para não deixar nada escorrer. Num lugar que a gente trabalhou escorreu e matou até árvore, isso foi no passado quando eu não tinha experiência, se vai trabalhando vai pegando experiência.

No rio Manuel Alves bem de frente, um vizinho meu, na minha área, escutando, torando tipo pedra, tinha uma balsa no rio, fui lá, o rapaz falou que tinha licença. Eu falei que era garimpeiro, que tinha experiência, e meu irmão também. Ele falou que tava fagulhando pouco, isso numa quinta-feira, voltei lá no domingo ele já tinha ido embora. Eu acredito que foi porque eu falei que meu irmão ia lá, e ele sumiu e não apareceu mais, eles estavam garimpando ouro no meio do rio. ”

(Vicente Bispo Soares)

“O velho Firmino falou comigo que tinha vindo uns homens aí no Alto Plano, sobre essa terra, pediu para ir para Porto Alegre para encontrar Dodô pra mode de marcar o lugar aqui para mim. Conversei com o velho Chico Araújo, e ele conseguiu o agrimensor. O Tonhão conseguiu o Valtuir para medir. Na época era onze pessoas, José Alexandre, compadre Pedro, compadre Marciano, compadre Vavá, eu, finado Constante, José Luiz que entrou no final.

O documento ficou no nome de Libero porque Alexandre não tinha documento pessoal, finado Constâncio também não tinha. E a terra do lado de lá ficou no nome de Pedrinho. Cada um ficou com 113 ha, era 23 alqueires para cada um, mas o Valteir cobrou do Tonhão e tirou 2 alqueires de cada um para pagar a medição. Foi em 1991 pelo Estado. ”



Cercas invadindo o território

(Valdeci Ribeiro da Siva)

“O governo estava saindo, e estava indo lá algumas pessoas para tomar a terra, aí o velho Firmino soube e avisou para pai. O Estado contratou o Tonhão, o Tonhão chamou o Valtuir para ajudar na medição, eu acho que o Estado pagou o Tonhão, mas o Tonhão teve que pagar o Valtuir que foi contratado pelo Tonhão. Foi aí que ele teve a ideia de cobrar do pessoal lá, como a maioria não tinha condição de pagar, ele colocou o pessoal para assinar um papel transferindo 2 alqueires de cada um para ela para saldar a dívida. Foi aí que ficou ao invés de 11 proprietários, 12 proprietários, e a única área que ele desmembrou foi a área dele que logo em seguida vendeu para outro rapaz.

Existe pessoas de fora dentro da nossa área, inclusive a área que o agrimensor tirou, ela hoje pertence a um cara do agronegócio, ele tirou da gente passar no porto antigo, ia para a comunidade Lajeado, hoje a gente já não pode passar. ”

(Domingos Barbosa da Silva)

“Teve assim, porque tem o Peron aí que foi chegando pra aí, foi ocupando o espaço que era nosso. Que tem inclusive umas capoeira nossa, ficou dentro da área dele, né. Que o espaço nosso aí era maior, ainda não tinha escritura.

O Peron já tinha pegado um monte de terra, aí comprou só vinte e três alqueiro que escriturou. Ele comprou, dizendo ele que comprou um tanto aí, mas quando ele foi fazer a cerca já passou bem, bem acho que mais ou menos quase o dobro.

Chegando pra cá, que tinha até um primo meu que morava lá, que o pai dele morava lá, e ele passou a cerca berando a casa dele. Aí ele ficou aí espremido, aí ainda começou a brigar com ele, mas nas primeiras briga ele acho esmoreceu, foi embora. Deixou a tapera aí, que ele construiu, já tinha construído a casa bem berando a casa dele, do Manel, que é meu primo, aí ele foi embora.

Aí quando foi evoluindo, quando começou chegar esse negócio de quilombola, foi ficando bem claro, o povo acreditando, aí ele, ficou com medo e vendeu pra esse que agora, é Tadeu que tá trabalhando aí. Ficou só com a que ele, por enquanto, só com a parte que ele comprou, dizendo ele que comprou, a gente não sabe né. Ninguém sabe quem vendeu. Sabe que ele tá aí.

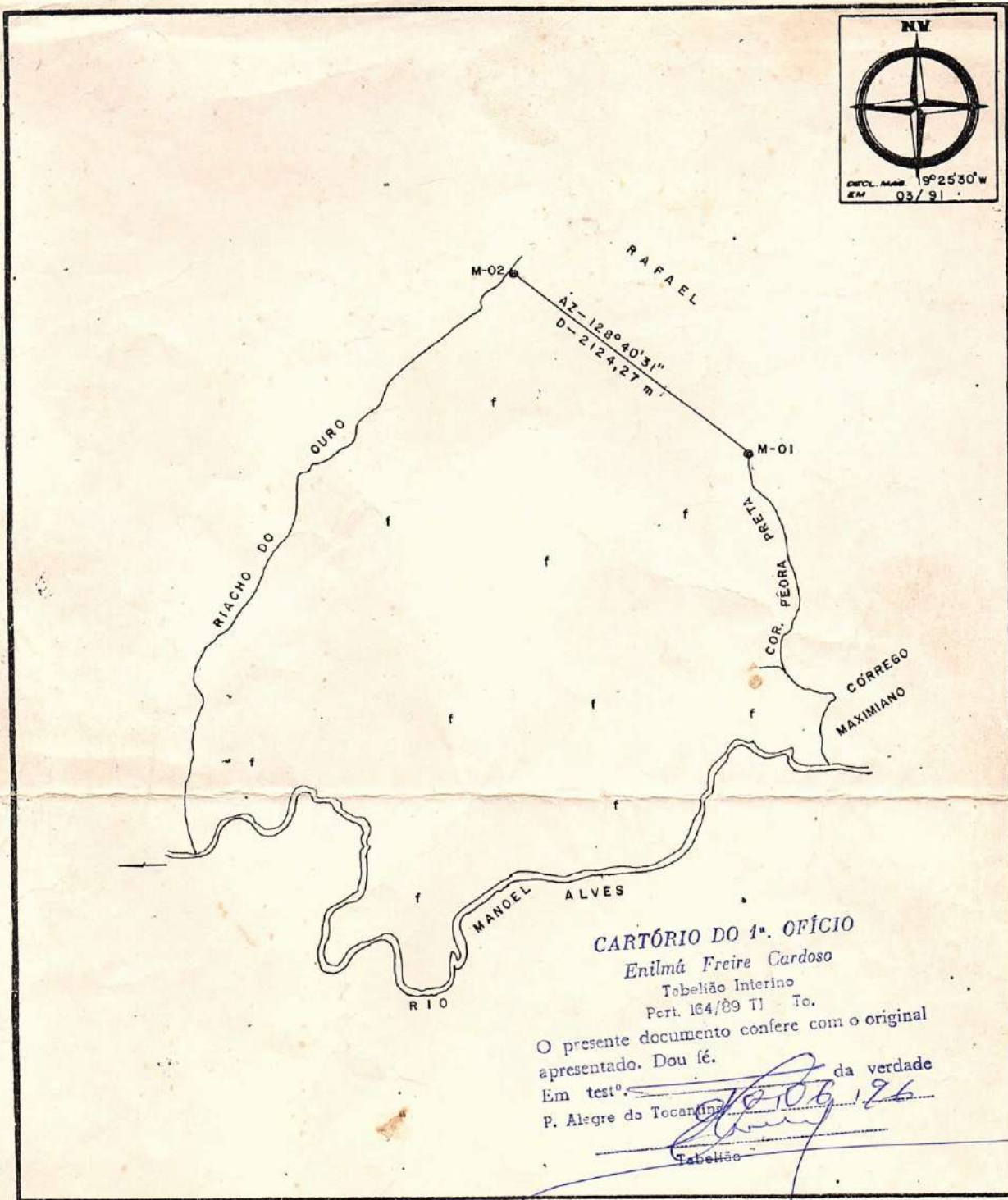
Trouxe esse negócio de mosca branca, toda coisa que planta, té plantinha de a gente fazer chá junta esses mosquito, e esses é o que a gente vê, fora problema que vem, que maltrata a gente e a gente não tá sabendo, né. É por causa que dessa soja, eles batem o veneno, aí elas vai saindo, aí por onde num tem a catinga do veneno elas vai atacando. É, ataca feijão, qualquer horta também, tomate é muito perseguido delas, e antes no tempo de a gente menino não tinha isso, essas, ninguém via essas, esses mosquito.

Veneno eu nunca vi não, mas acho que é certeza que deve vim, que de avião a gente ouve eles zuando aí, é bem perigoso que vem no vento, né. Vem na água, na água do rio, quando por causa da barragem, que eles prende e solta, tem vez que vem a água muito feia e nessa também deve ter por causa que tem as lavoura lá, e quando chove claro que vem tudo pro rio.

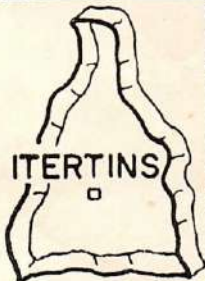
Mas aí depois que criou o poço aí a gente usa a água do poço, mas quando vai pro lajeado usa a água do rio, porque lá não tem poço, de todo jeito usa um pouco. No verão quando solta fica uma água feia, uma aguona amarela, mas que não tem outro jeito, tem que usar é dessa mesmo, né.

Tem um brejinho aqui que era minha fonte, esse não tá criando água, só quando chove ele cria um pouco d'água, aí logo seca, mas esse acho que é por causa das máquina que anda aí pra todo lado, criou essas rodagem, aí vai só froxando a terra, quando chove, aí a enxurrada pra dentro do brejo, enche tudo de areia. Verdade que os brejo interteu, tinha água, tinha peixinho que a gente pescava, depois acabou. Tem algum poço que enche mas não sustenta. Quando melhora pra umas coisa, fica ruim pra outras, que antes não tinha máquina, não tinha nada de mexer com roça, era tudo no braço, aí depois que movimentou, criou rodagem aí vai criando e froxando mais a areia, vai entupindo os corguinho e as grotas, mas é assim mesmo, né. ”

(Umbelina Bispo de Sousa, apelidado por Bela)



CARTÓRIO DO 1º. OFÍCIO
 Enilmá Freire Cardoso
 Tabelião Interino
 Pert. 164/89 TI - To.
 O presente documento confere com o original
 apresentado. Dou fé.
 Em testº _____ da verdade
 P. Alegre da Tocantins _____
 Tabelião



INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DO TOCANTINS-ITERTINS

LOTEAMENTO : FAZENDA SÃO JOAQUIM		ÁREA (ha) TOTAL 1.356,9040
LOTE Nº		
MUNICÍPIO PORTO A. do TO.	DATA 03/91	
CHANCELA	RESP. TÉCNICO : Antônio Oliveira da Costa CREA 01/12542/DGO Agrimensor	ESCALA 1: 40000
	DESENHO	CÓPIA

Mapa do título definitivo

“ Um dos problema que nós já sofreu muito aqui foi a água. Pra trás tinha muita água, a gente ia pras roça era atolando os dedo na lama, de certos anos pra cá que não criou lama mais, nem frieira a gente não dá mais nos pés, porque a chuva tá pouca. Eu acredito que tem mais de 10 ano, mais ou menos 12 ano que a chuva foi de menos, e vem vindo de menos, vê esse ano, mês de janeiro, aqui não choveu quase.

Porquê tão cabando com as florestas que Deus deixou, tão desmatando tudo, os ricos. Os fracos for derrubar um pau aí, se quer botar um trator pra desmatar aí, não tem como, agora os rico chega e toma conta de tudo, é derrubando tudo pra plantar soja, porquê é no que eles estão mais investindo, não é né, soja? Tá acabando. A chuva tá ficando pouca também, é coisa demais, que a gente não dá nem conta, pelo que eu alcancei.

O rio, porquê a água ficou pouca, os peixe acabou que pesca em anzol, nego não puxa peixe, que de pra trás puxava, igual esse rio era bom pra puxar peixe, peixe muito, meu criador puxou muito peixe aí.

Agora eu já tô analisando, seu menino sabe o caso dos espinhos era os arames, as cercarada de arame, num tá no mundo todo? Mas só que os velho falava e eu nunca pensava de chegar aonde chegou e tá chegando, porquê pra trás não tinha esses arame, as roça que a gente botava era cercada de madeira, hoje em dia quem é que quer cercar roça de madeira? Não tem nem madeira mais, pois é num tem, como é que cerca?

E o carro do arame é ligeiro, é um serviço rápido, e de madeira, pra trás que a gente cercava era demorado. E nisso tá tomando tudo, pra anda só vê os arame, que é os espinho, mas só que a gente nunca pensava que era espinho mesmo.

O brejo aqui ó, tinha um pedaço assim, tinha uma ribuleira de buriti novo, uns mais alto da altura dessa porta, outros mais menos, um pedaço assim, como daqui pra aquela cerca fechado, acredite o senhor que secou tudo. Secou tudo, pé de buriti, daqui da casa mesmo, os pé de buriti bom, as fruta boa e carnudo secou tudo, é aqui, aculá, morreu, e não foi só pra aqui também não. Os brejo não sustenta água mais, esse aqui mesmo ainda nem tá correndo ainda, numa época dessa, fevereiro, hoje já é nove. O tanto de pau que morreu, até os capim, os pau tão morrendo, mas morreu pau, morreu mesmo. ”

(Maria Pereira da Costa)

“ Na época que titulou a terra eles não tinham dinheiro pra pagar o agrimensor, aí todo mundo passou um alqueiro ou dois para o medidor. Aí esse que pegou e mediu foi vendendo pra outro, e foi mudando, aí foi invadindo, invadiu esse daí, aí pegou e vendeu pra esse outro aí.

Rapaz, esse desmatamento é o seguinte, vem prejudicando a gente muito por causa de falta de água né, eles não importa com água, porque eu vejo aí, tem as nascentezinha eles desmancha tudo aí, acaba com tudo e enterra. Pra gente que mora na situação dessa é difícil, porquê vai tampando as nascentes.

Antigamente tinha os córrego, depois o rio abaixou muito, que o córrego nosso não segura água mais. Uma coisa é o desmatamento, outra é a barrajona lá em cima, que é uma coisa que prejudica muito a gente aqui.

A gente chama projeto Manoel Alves, que é assim como a gente conhece. O projeto ele é o seguinte, ele é um projeto que meche com irrigação para o plantio de banana, de maracujá, mamão, abacaxi, manga. Disse que tem uma minação na barragem que corre o risco de ela desmoronar, mas isso é um comentário, eu só gosto de falar as coisa quando eu vejo, mas eu fico com medo porque dizem que tem 40 km de água por cima. ”

(Vicente Bispo Soares)

“Rapaz, é muita área, eu não sei é de quantas hectares, mas é grande, cuma tem muita funcionando e muita área só em aberto, só o desmatado aí. Fica em Dianópolis, mas só que a barragem, ela ficou no rio como dispois de Dianópolis e Porto Alegre, que aí ficou no meio, atingiu a metade de Dianópolis e a metade de Porto Alegre a barragem. Baixou o lugar nosso aqui, no leito do corgo ele baixou mais de metro, que tem o sinal lá da onde a cerca ficava, hoje tá lá em baixo, hoje não tem mais peixe no rio por causa dessa barragem, de primeiro ainda tinha uns peixinho, hoje você vai lá e nem piaba você não acha mais.

Rapaz, com certeza que vem essas chuvada, com certeza desce, eles usam veneno e quando dá a chuvada aquele lá escorre tudinho pro rio. Tem umas canaletas lá pra água não empossar, quando chover lá é pra descer tudo pro rio.

Uai, teve um desses plantador de soja aí, o veneno que sobrou e eles bateu, e matou os pau, que ia matando os pau só de cima pra baixo, matou Pequi demais. O avião passava baixo aqui e eu acredito que ele passou aí jogando e matou. Aonde ele passou, aqueles pau mais alto, os de cima morreu tudo, parecendo como quem passou um fogo, assim só matando as folha, a maior parte foi os Pequi que os maior era os Pequi. Foi no Riacho D’ouro.

Eu conhecia um corguinho ali, que era na beira da serra, ele corria, tinha água direto aí, com o desmatamento que desmatou lá ele, como entupi e ele não teve mais a minação, que tinha, uma minação que a gente ia e bebia lá direto, que tinha um tempo da sede, acabou tudo.

Tem a mosca branca, que tava na soja de lá, ele batia veneno ela descia pra cá, rapaz, acabava com as coisa, eu mesmo aqui sofri muito aqui com ela. Ela atacava a mandioca, só não atacou o arroz, mandioca, o milho, o feijão, a abóbora que nós plantava, tudo ela atacou até a cana, a gente olhava assim de baixo das palha da cana tava toda só a mosca branca, aqui quase todas as plantaço ela atacou.

Atacou tudo, a gente tinha uma hortinha ali, rapaz, acabou com nossa horta, rapaz eu lembro do amigo Elieu que ele investiu no feijão, plantou quando cabou a bicha deu em cima lá acabou, só o prejuízo. ”

(Vicente Bispo Soares)





Plantio de banana em monoculturas no projeto Manuel Alves

“ Bom meu nome é Domingos Barbosa da Silva e quanto a questão dos impactos ambientais em relação ao projeto Manoel Alves a gente percebe que depois que começou o projeto, peixe sumiu, a gente quase não encontra no rio aqueles Lambari. O desmatamento aumentou bastante, alguns fazendeiros entraram, compraram algumas áreas, desmataram pra plantio de pastagem.

Tem a questão das pragas, uma delas é a mosca branca, esse ano até que não tem quase mais, mas esses últimos anos deu muito prejuízo. Teve muitos produtores, muitos pequenos produtores aqui da comunidade quilombola que perderam as suas lavouras por conta da mosca branca.



Elaboração do mapa da comunidade São Joaquim

E também teve alguns impactos que é a questão da seca, que a gente acredita que tem a ver com esse desmatamento que foi feito nesses últimos anos.

Aqui próprio dentro da comunidade mesmo as pessoas são incentivadas pelos grandes a desmatar, que vem oferecendo horas de tratores. A ideia é quanto mais você desmata, mais você produz, e a gente sabe que isso não é verdade, a prova disso é que muitos produtores desmatam e não consegue plantar. Até porque não consegue tratores para gradagem na época certa, aí quando chega algum certo momento a chuva vai embora e acaba não plantando.

Eu acho que a monocultura da Bahia tem causado impacto dentro da comunidade, até porque a quantidade de desmatamento de áreas é grande lá, eu acho que influencia bastante na seca.

Tem a questão das nascentes, elas são desmatadas, os corgos eles não tão conseguindo mais permanecer com água, tão secando muito rápido. Na comunidade mesmo, só tem água na época da chuva, quando a chuva vai embora, depois de uma semana esses corgo começa a secar. ”

(Domingos Barbosa da Silva)

“ Tem anos aqui que algumas famílias que não tem água encanada são abastecidas por caminhão pipa. A prefeitura fornece esses caminhões pipa, tem famílias aqui que quase, mais da metade do ano é abastecido por caminhão pipa. A gente percebe que isso é causa dos impactos ambientais, e possivelmente por essas grandes regiões de lavoura da Bahia, por estarmos muito próximo.

É já teve relato que foram visto imagens de satélite, existe uma mancha por cima dessa região, acredito que esses grande período de seca está ligado a essa mancha, quem sabe talvez essa mancha foi causada por esses impactos, esses grandes desmatamentos, essas grandes lavouras.

As pastagem tem aumentado bastante também, e isso tem prejudicado as famílias da comunidade quilombola.

Olha não foi feito nenhum estudo, mas eu acredito que o projeto Manoel Alves tem muito impacto, porquê a quantidade de produtos tóxicos usado lá é muito grande. Inclusive tem relato que eles usam um produto tóxico que é o Furadan no plantio de bananas, que é um produto altamente perigoso a saúde, e cancerígeno, e eles usam lá.

E a gente não sabe se tem controle, mas a gente sabe que há relatos de pessoas que trabalham no projeto que relatam que são usados esses produtos lá dentro do projeto, e com certeza, com a água da chuva esse produto acaba atingindo o rio, e consequentemente as família que utilizam a água do rio para o consumo próprio e o consumo de animais

A gente percebe na própria fala do fazendeiro quando ele questiona sobre a comunidade quilombola, percebe que tem uma certa intimidação. Quando eles falam que eles que possui o título definitivo, que as áreas deles são regularizadas e que eles não aceitam que os animais dos quilombolas entrem nessa área, que eles não querem animais nessa área que eles vão cercar, vão fechar seus currais e colocar pra outras áreas, a gente percebe que isso é uma forma de intimidação.

Estão dizendo que ali existe uma barreira e a gente não pode ultrapassar esse limite, que nossos antepassados utilizavam até certo tempo, a gente utilizava pra soltar os animais e hoje a gente tá sendo privado disso. ”

(Domingos Barbosa da Silva)





Elaboração do mapa do território da comunidade São Joaquim

“ Olha, a gente, a maioria, na verdade todos os produtores eles plantavam, eles trabalhavam em roça de toco, funcionava durante dois anos depois já partia para outra área. Depois de 5, 6 anos eles voltavam para essa área que eles tinham trabalhado, não existia tanta degradação, não atingia o mais profundo do solo e essas áreas elas conseguiam recuperar muito rápido.

A gente conseguia produzir pra consumo próprio, e hoje a gente consegue. A maioria das famílias trabalham de formas diferentes, muito parecido com o agronegócio, não tem mais aquela preocupação de proteger o meio ambiente, de preservar, é claro que ainda existe a preocupação, mas o modelo de cultivo, modelo de trabalho ele é mais parecido com agronegócio que a 10, 20 anos atrás.

Porque o agronegócio, o capitalismo ele vem pregando na cabeça dos quilombolas que além de cada um ter seu pedaço de terra regularizado e cercado, ele precisa trabalhar na forma do agronegócio pra produzir mais.

Porquê segundo eles, além de você produzir pro seu próprio consumo, você consegue produzir e vender e melhorar sua renda. E quando você consegue trabalhar da forma deles, você vai adquirir os insumos deles, você vai precisar das máquinas deles, da mão de obra deles, e acaba que você fica escravo do agronegócio.

Na verdade, todo mundo utiliza o adubo químico, a maioria das pessoas estão utilizando herbicidas, a maioria das pessoas estão utilizando inseticidas químicos, até porque eles pregam que esses produtos químicos, eles tem um melhor desempenho e ajuda o produtor a ter uma melhor produção e ter um maior tempo, ter maior tempo pra dedicar a outras atividades. ”

(Domingos Barbosa da Silva)

“ Os fazendeiros chegaram tem uns aninhos pra trás. E aí essa área, eles começaram na de oitenta e dois por diante essa invasão desse povo, desses fazendeiros pra cima de nós. Eles chegavam e falavam que era deles, que comprou tudo isso sem ter comprado. O povo entrando e falando que era deles, comprou e escriturando e fazendo a cerca.

De pra trás não tinha desmatamento não, era só a cerca que eles falavam e daí fazia, e já falava que era deles, e soltava gado, era desse jeito. Desmatar, isso foi a partir de dois mil e dois por aí assim, esse desmatamento doido que está hoje. Agora que desembestou mesmo assim nesse desmatamento doido, mais pra nos né, aí pra fora eu não sei.



Monocultura de soja na região

A seca começou foi por mode desse desmatamento mesmo, aqui pra nós pelo menos foi. Por que ali do Porto Alegre, onde vocês passaram, antes era uma mata, não tinha desmatamento nenhum, por que hoje é o projeto, né.

E aí começou, essa seca doida, que hoje não tem água pra nós foi por mode disso. Na estrada que vai de Almas para Porto Alegre, aqui era a cabeceira desse córrego do riacho D'ouero, e hoje lá e soja. E aí começou essa seca doida pra nós.

Aqui o que não está sendo desmatado, é só esse localzinho aqui, se desmatou é uma roça de pasto, mas não prejudica muito, que respeita a beira do córrego né, e esses outros aí não. E aí começou essa seca doida foi através disso. Antes do projeto Manuel Alves já tinha desmatamento, mas surgiu mais mesmo, que parece que o povo criou mais coragem foi depois desse projeto.

Que chegou esse gringo aí, da estrada de Almas até Porto Alegre, quase tudo do lado que a gente vem, é tudo derrubado. Então foi dessa época pra cá que o povo criou mais essa disposição. Mesmo fora do projeto aumentou e foi muito, por que esses povos mais pequenos foi vendendo para esse fazendeiro aí, e ele foi desmatando, é uma coisa esquisita. ”

(Pedro Luiz Batista)

“Com certeza o rio diminuiu, porque teve a barragem, quando eles querem eles soltam um pouco, abre as comportas e a água aumenta, mas o rio completamente acabou, arrasou. Aquele lugar que você nem pensava de ver o chão, hoje é carro passando por dentro, e foi através desses desmatamentos.

Do projeto pra cá que o rio arrasou, arrasou o rio. Tem umas grotas aqui que não secava, hoje está secando, e o riacho D’ouro também está secando, e o riacho D’ouro está secando através desse desmatamento também que surgiu na cabeceira dele, na cabeceira dele antes era mata e hoje não é, é roça.

Um bucado de veneno chega, inclusive aqui perto tem o garimpo ali, e ele mexia com esses negócios, aqui perto também tem uma fazenda muito grande que joga veneno de avião. Então eu tenho certeza que jogando de avião ele vai atingir outras áreas e está perto daqui. Então isso tudo vem cabando com tudo.

Aqui muitos não estão querendo beber água do rio, graças a Deus tem água de poço e o povo bebe água de poço. Evitando muito beber água do rio pra mode esse veneno, nesse projeto só mexem com veneno, e esse veneno se cair no rio vem pra cá. ”

(Pedro Luiz Batista)



Pedro Luiz Batista



Sede da associação da comunidade São Joaquim



Joana Ribeiro de Deus

“ Por volta de 1967, que foi quando o primeiro fazendeiro, o Nelson Quirino, primeiro fazendeiro assim, hoje que ele é, a partir de certos anos pra cá, que ele se tornou fazendeiro, mas com auxílio, com o trabalho do pessoal da comunidade. Que na verdade ele chegou, ele não tinha gado, ele pegou o gado de meia e colocou lá na propriedade de meu vô. Daquele gado foi que ele foi se tornando um fazendeiro, na comunidade Lajeado.

Aqui acredito que o primeiro foi Peron. Na verdade, essa terra que ele diz que é do Brejo Grande, que foi onde o avô dele comprou de pessoas da família de São Joaquim, mas isso tem muito tempo eu não sei quando foi. Diz que foi originado de meia légua de terra, para o avô de Peron, dessa meia légua, que fica no Brejo Grande, dessa meia légua de terra, se estendeu até chegar no rio. Que Brejo Grande é mais afastado do rio, ele é mais pra beira do riacho do D'ouro.

Meu sogro dizia que esse aqui não tinha nada a ver com o que eles tinham comprado. Minha mãe conta que foi essa meia légua de terra que eles compraram daí foi estendendo, aumentando até chegou no rio.

A gente sabe onde tem uma área de mata bem fechada, ali a água tem uma facilidade de conserva mais, e onde cê tira todas as arvores a terra fica exposta, ela seca rápido. E é onde começa os problemas, os rios mesmo pelo que eu conheci, tá muito baixo.

O Manoel Alves, quando eu conheci ele era um rio que a gente não atravessa ele assim, andando por dentro, e hoje tem lugar que a gente consegue. Assim, eu acredito que se talvez não tivesse acontecido tanto desmatamento, talvez essa água poderia tá, ter mais água, ele tá muito diferente do que era antes.

O projeto Manoel Alves causou muito problema. A água mudou muito, ele era um rio de água transparente, hoje a água dele é escura. Nós já chegamos tomar essa água, mesmo sem ser examinada pra ver se era própria pra gente tomar, a gente viu que só pela cor da água ela era inadequada pro nosso uso, totalmente amarela.

E além que descia um bolo de espuma, que parecia de água parada e quando soltava descia muito escuro e hoje mesmo parou de descer essa espuma, mais a água tá totalmente diferente e foi depois do projeto.

A gente percebe que depois do projeto, até o rio, aí é que ele baixou mesmo, nesse ano mesmo no período do mês de janeiro, eles puxaram tanta água, que parecia ser a seca, na seca mesmo baixou demais. As vezes a gente teme do rio secar com a continuação, que eles forem puxando a água do rio ele pode vir a secar.

Assim, a gente vê que a água não é apropriada pra nos tomar, até mesmo pro uso assim de cozinha. A gente vê que não é uma água adequada, hoje a gente já tem o poço artesiano, mais tem muita gente ainda na beira dele, que mora na beira dele, que usa água do rio e não tem outra água, o jeito, eles só podem usar água do rio.

Aqui a redor tem muitos brejos, tem vários brejos, mas esses brejos já não sustentam mais água. As vezes até mesmo no período da chuva, quando está chovendo bastante, eles criam água, mas não como era antes. Por que eu conheço vários brejos que era correndo direto. Tinha água, tinha muito Buriti e hoje em dia até os Buritis estão acabando. A gente aqui tem brejos que nem tem mais buritis, já morreu tudo.

Antigamente tinha muito peixe e hoje está muito pouco, muito pouco mesmo, bem diferente. Acho que assim, aqui perto na Bahia a gente vai ter aquelas lavouras de soja que é um desmatamento enorme. ”

(Joana Ribeiro de Deus)



Crianças da comunidade quilombola São Joaquim

1. Boletim Indígenas Gamela no Cerrado Piauiense.
2. Ribeirinhos, Pescadores e Pescadoras do Vilar e Moju na Ilha Xingu-Pae Santo Afonso: Território e Resistência de Nossas Origens.
3. Boletim Informativo dos Povos Indígenas do Vale do Javari.
4. Cartografia Social do Baixo Tocantins até sua Foz no Rio Pará, ao Sul da Ilha de Marajó: Povos e Comunidades Tradicionais na Rota dos Grandes Empreendimentos, no Pará.
5. A Guerra no Território do Conde: Comunidades Tradicionais, Migrantes, Estado e Empresas na Disputa Territorial.
6. Trabalhadores da Agricultura Familiar: Acampados Oprimidos pela Mineração em Canaã dos Carajás.
7. Pescadores e Ribeirinhos Sudeste do Pará.
- 8. Raízes e Lutas da Comunidade Quilombola São Joaquim**



Financiamento:



Climate and
Land Use Alliance

Realização:

PNCSA
Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia

Apoio:



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

PPGCSPA

Programa de Pós-Graduação
em Cartografia Social
e Política da Amazônia